

Bancos temem o exemplo argentino

do The Wall Street Journal
(Continuação da 1ª página)

repudiar suas dívidas, mas que poderá tentar ditar termos suaves para saldá-las tanto na América Latina quanto em outros continentes.

Seja qual for o preço, quase todo o mundo considerará o plano inteligente. Além dos países latino-americanos, onze bancos — cinco norte-americanos e seis de outros países — entraram no "pacote", emprestando US\$ 100 milhões à taxa de juros de 0,125% da Libor: cada banco entrou com uma parcela proporcional ao volume de suas operações com a Argentina. O Manufacturers Hanover Trust Co. emprestou US\$ 1,32 bilhão e o Citibank Co. US\$ 1,1 bilhão, as maiores fatias.

O "pacote" foi o final feliz para o que parecia uma situação desesperadora. Há meses a Argentina não pagava os juros de sua dívida, e os bancos recusavam-se a conceder novos empréstimos a não ser que o país assinasse um acordo com o FMI.

Se os banqueiros norte-americanos não tivessem recebido até o último dia 31, no fechamento do trimestre do ano, teriam de classificar os empréstimos concedidos à Argentina em "nonaccrual" (ver quadro).

NÃO FOI FIANÇA

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Donald Regan, disse que a intenção do acordo foi ajudar a Argentina e evitar uma crise bancária internacional. Ele não constituiu o pagamento de uma fiança para salvar os bancos, disse. "Nosso problema foi encontrar uma forma de auxiliar a Argentina, não os bancos", comentou Regan numa entrevista coletiva concedida no último sábado.

O plano foi concebido pelo secretário do Tesouro do México, Jesús Silva Herzog, coordenado pelo Tesouro e Reserva Federal (Fed) norte-americanos e retocado por inúmeros banqueiros e investidores. Os mexicanos arquitetaram o plano — e os brasileiros, venezuelanos e colombianos participaram — em parte porque todos eles temem as graves consequências de um estouro bancário argentino; o México, por exemplo, deve mais de US\$ 85 bilhões aos seus credores internacionais, enquanto o Brasil possui uma dívida externa superior a US\$ 90 bilhões. Esses países necessitam de contínua ajuda dos bancos para arcar com esse débito.

"Procuramos estimular as outras nações a agirem com cautela", afirma um funcionário do Ministério das Finanças mexicano. "Padecemos muito para

	CITICORP	BANK AMERICA	CHASE	MANUFACT. HANOVER	J.P. MORGAN	CHEMICAL NEW YORK	FIRST INTERST.	CONT. ILLINOIS	SECURITY PACIFIC	BANKERS TRUST	FIRST CHICAGO
ARGENTINA											
Dívida	NA	NA	\$800	\$1,321	\$741	NA	NA	\$401	NA	NA	NA
"Nonaccrual"	192	NA	\$140	\$17,3	\$104	NA	NA	\$11	NA	NA	NA
BRASIL											
Dívida	\$ 4, 6 0 0	\$2, 484	\$2,560	\$2,130	\$1,785	\$1,276	\$532	\$476	\$530	\$743	\$689
"Nonaccrual"	\$144	\$14	\$5	\$1,1	NA	\$8	\$8,2	\$2	\$2	\$21	\$2
MÉXICO											
Dívida	\$ 3, 0 0 0	\$2,741	\$1,553	\$1,915	\$1,174	\$1,414	\$758	\$699	\$550	\$1,286	\$870
"Nonaccrual"	\$106	\$190	\$215	\$19,4	\$56	\$39	\$46	\$75	\$81	\$8	\$24
VENEZUELA											
Dívida	\$ 1, 5 0 0	\$1,614	\$1,226	\$1,084	\$464	\$776	NA	\$436	NA	\$436	NA
"Nonaccrual"	\$398	\$206	\$121	\$20,1	NA	\$56	NA	\$30	NA	\$61	NA

NA — Menos que o mínimo exigido a ser revelado de acordo com as normas do SEC

"Nonaccrual" — Categoria em que os bancos geralmente põem os empréstimos uma vez que os pagamentos de juros superem 90 dias de atraso. No empréstimo classificado como "nonaccrual", os bancos deixam de lançar os juros que vão vencendo como receita e estornam da conta de lucros correntes todos os juros já vencidos mas não pagos.

atingir o estágio em que nos encontramos e não desejamos que outros países ponham tudo a perder."

De acordo com uma fonte bancária, o México responsabiliza parcialmente a Argentina pelo atraso no recebimento de um empréstimo de US\$ 3,8 bilhões no corrente ano. Alguns bancos retêm os empréstimos porque avaliam os países latino-americanos em bloco. Embora eles "saibam que o México é diferente da Argentina, ambos falam espanhol", diz um banqueiro.

Os banqueiros ficaram sensibilizados com a iniciativa mexicana. Nos últimos anos, os banqueiros têm zombado das sugestões de que os países devedores poderiam formar um cartel que viria a apresentar posturas radicais em suas negociações com os bancos; os interesses dos países devedores são muito diferentes, afirmam. Alguns banqueiros consideram o auxílio à Argentina como a comprovação de suas teorias — mesmo tendo os países latino-americanos unido suas forças para ajudar uma outra nação a saldar seus compromissos com os bancos, não para repudiar suas dívidas. Alguns banqueiros também argumentam que o socorro prestado à Argentina reforça a crença de que os países não virão a ignorar suas dívidas.

O vice-presidente executivo do setor internacional do Chase Manhattan Bank, Francis X. Stankard, afirmou que "a operação constituiu, sem dúvida, a maior evolução surgida até o momento na situação das dívidas internacionais. Ela representa um extraordinário esforço cooperativo entre as nações da América Latina, o governo norte-americano e os bancos particulares".

"DANÇANDO NO ESCURO"

Isto pode ser verdade, mas fontes latino-americanas sugerem que os banqueiros podem estar "dançando no escuro".

Na verdade, os US\$ 500 milhões obtidos pela Argentina cobrirão apenas ju-

O segundo "pacote"

Paralelamente ao "pacote" de US\$ 500 milhões negociado no final do mês passado, foi fechado outro de US\$ 110 milhões, para permitir à Argentina pagar ao todo US\$ 610 milhões de juros atrasados a bancos norte-americanos.

A Argentina colocou não US\$ 100 milhões mas US\$ 150 milhões e os onze bancos credores US\$ 160 milhões e não US\$ 100 mi-

lhões. Os juros pagos foram os que venceram até 8 de janeiro, segundo informou o jornal El Cronista Comercial.

O segundo "pacote" de US\$ 110 milhões foi usado para pagar os juros das fillais do Banco de la Nación e Provincia de Buenos Aires nos Estados Unidos. Os juros sobre este acordo foram de 0,125% da Libor.

ros relativos aos débitos do setor público vencidos antes de 1º de janeiro. Dessa forma, embora os bancos norte-americanos evitem ter de considerar tais empréstimos como "non-performing", a Argentina ainda deve um total de US\$ 2 bilhões de juros sobre a dívida total. A operação proporcionou algum tempo aos banqueiros, mas eles poderão vir a se deparar com o mesmo problema ao final do segundo trimestre.

"A operação não pode ter efeitos permanentes", afirma Celso Luiz Martone, um economista da Universidade de São Paulo, Brasil.

"Ela só pode ser entendida como uma forma de se evitar um problema muito mais grave."

FRENTE DE DEVEDORES

Na semana passada, na Colômbia, o presidente mexicano Miguel de la Madrid parece ter insinuado qual será essa nova atitude. Ele atribuiu os problemas econômicos atuais, provocados pelas dívidas, de "sem precedentes" e "perigosos" e criticou as nações desenvolvidas por suas al-

tas taxas de juros e barreiras comerciais. Ele apregou também a necessidade de uma nova atitude com relação à crise dos débitos e a criação de uma frente dos países devedores latino-americanos para a negociação com os banqueiros internacionais.

Muito provavelmente, afirmam essas fontes, um cartel desse tipo não se iria recusar a saldar suas dívidas externas, mas buscaria formas mais brandas para sua renovação. Por exemplo, os devedores poderiam solicitar a reabertura de todos os acordos alcançados com os banqueiros desde meados de 1982 para o adiamento no pagamento de seus compromissos e concessão de novos empréstimos. Os banqueiros deram uma resposta negativa a um pedido anteriormente feito pelo México para tal reabertura.

Um banqueiro acredita que as nações podem vir a exigir a reabertura de tais acordos relativos a totais de até US\$ 50 bilhões. Uma quantia vultosa em juros se encontraria em jogo. A redução dos juros internacionais em apenas 1% custaria aos bancos internacionais US\$ 500 milhões por ano em rendimentos brutos.

"PONTA DE LANÇA"

Um outro banqueiro crê que o México e outras nações latino-americanas deixarão que a Argentina abra o caminho para a reabertura dos acordos relativos a empréstimos. A Argentina, ele afirma, está sendo utili-

zada como "ponta de lança".

Significativamente, a Argentina obteve termos brandos para liquidar o empréstimo bancário de US\$ 100 milhões concedido na última sexta-feira. Ela deverá pagar apenas 0,125% da Libor, que os bancos cobram entre si pelos recursos obtidos no mercado financeiro de Londres. As demais nações latino-americanas deverão pagar um ponto acima do percentual da Libor. Devido à Argentina não ter recebido empréstimos recentemente, torna-se difícil comparar esses termos com algum crédito redente a ela concedido, mas a taxa para os países da América Latina tem sido de 1,25% acima da Libor. Os novos termos concedidos à Argentina passarão a ser a média nas taxas de juros a serem cobradas pelos futuros empréstimos e extensões de créditos, diz um banqueiro, embora os empréstimos de longo prazo possam sofrer uma taxa mais alta.

CUSTO SOCIAL

A operação conjunta também acarreta algumas importantes consequências políticas para a Argentina e para as outras quatro nações latino-americanas. Para a Argentina, ela não constitui mais uma "questão de postura" em relação aos bancos credores internacionais e ao FMI, afirma uma fonte financeira argentina, "mas um sério e arriscado compromisso político". O novo governo civil, acrescenta, "se encontrará sob uma pressão extraordinária" para alcançar um importante acordo com o FMI.

Comenta-se que a Argentina se negou a executar o pedido do FMI de cancelar o aumento salarial de seus trabalhadores, compatível com a alta taxa de inflação existente no país. Consequentemente, o acordo não será fácil de ser alcançado. Se a Argentina não concordar com o FMI, estará arriscada a romper com seus vizinhos. Esse constitui o principal meio com que contam os bancos e o governo norte-americano para garantir o acordo com a Argentina.

Embora o México, o Brasil e, Venezuela e a Colômbia acreditem piamente que os benefícios superem os riscos, seu envolvimento poderá provocar problemas políticos internos. As populações do Brasil e do México têm padecido com as severas medidas de austeridade econômica de seus governos, que agora se encontram aliados contra a Argentina, juntamente com o FMI e os bancos. A situação poderia vir a constituir um estímulo para a oposição política nesses países.

"Temos de tratar o assunto internamente com cuidado," diz um funcionário do governo mexicano. "Os bancos podem achar que se trata da união do México, dos bancos e do FMI contra a Argentina, mas queremos que a situação seja vista como um exemplo de unidade latino-americana. Isso deveria eliminar parte da retórica de que nos tornamos instrumentos dos bancos."

BANCOS DIVIDIDOS

Finalmente, o socorro financeiro à Argentina poderia exarcebar o crescente distanciamento entre os grandes bancos norte-americanos e seus irmãos regionais e europeus. Devido a uma taxação mais favorável sobre depósitos a um meio regulador mais flexível e a uma maior margem de lucros, os bancos europeus não sofrem tanta pressão quanto os bancos norte-americanos para receber seus juros rapidamente. Os bancos alemães e suíços, particularmente, não têm necessidade de informar os frequentes aumentos de seus rendimentos para proteger os preços de suas ações.

De maneira idêntica, as participações de muitos bancos regionais norte-americanos no socorro à Argentina são suficientemente pequenas para que eles possam dá-las por perdidas sem sofrer graves consequências. Se isso chegar a ocorrer, haverá pouco incentivo para futuras participações em operações de socorro.

Dessa forma, a operação da última sexta-feira poderia levar os banqueiros europeus e regionais a acusar os grandes bancos norte-americanos de alimentar a ilusão de que os empréstimos concedidos à Argentina ainda são passíveis de serem recuperados. Eles afirmam também que os grandes bancos se encontravam tão interessados em evitar que seus empréstimos fossem considerados "non-performing" que os bancos entregaram a faca e o queijo nas negociações.

Isso demonstra, dizem, que o país é recompensado por jogar baseball, não por recuperar sua economia ou aderir ao programa do FMI.